



## **Radiodocumentário Marcas da Violência<sup>1</sup>**

Douglas Anderson LOPES<sup>2</sup>  
Cíntia Patrícia JUNGES<sup>3</sup>  
Giovan Mateus de Oliveira PANISSA<sup>4</sup>  
Leia Dias SABOIA<sup>5</sup>  
Pedro Henrique Teixeira CRUSIOL<sup>6</sup>  
Flavia Lucia Bazan BESPALHOK<sup>7</sup>

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

### **RESUMO**

Diante do contexto de criminalidade e insegurança social em que vivemos, o radiodocumentário "marcas da violência" mostra as conseqüências deixadas no ser humano e na sociedade pelas diversas formas de violência. Neste trabalho, relatos de experiências vividas ou presenciadas que mudaram para sempre a rotina de algumas pessoas e a posição de especialistas que trabalham os diferentes aspectos – sociais, psicológicos e físicos – da violência.

**PALAVRAS-CHAVE:** medo, violência, trauma

### **INTRODUÇÃO**

Um radiodocumentário, pelas características que possui, pode abordar uma infinidade de assuntos, desde os mais simples até os mais complexos e polêmicos. A liberdade para criar e ousar permite que o produtor utilize diversos recursos para esmiuçar um tema.

A mídia, em geral, abre um grande espaço para a violência, entretanto, ela ainda é tratada de forma extremamente sensacionalista e superficial. Pouco se discute sobre as causas, conseqüências ou soluções.

Neste radiodocumentário abordamos a questão da violência sob o aspecto das marcas deixadas por ela. O nascimento de uma cultura do medo, materializada na crescente insegurança social presente na sociedade brasileira têm levado as pessoas a desenvolverem e buscarem mecanismos de auto-proteção.

---

<sup>1</sup>Categoria – Jornalismo; Modalidade - Produção em jornalismo interpretativo.

<sup>2</sup>Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso - Comunicação Social - Jornalismo, email: douglaslopes\_87@yahoo.com.br.

<sup>3</sup>Estudante do 7º. Semestre do Curso – Comunicação Social - Jornalismo, email: sissa07@hotmail.com.

<sup>4</sup>Estudante do 7º. Semestre do Curso – Comunicação Social - Jornalismo, email: giolipan@hotmail.com.

<sup>5</sup>Estudante do 7º. Semestre do Curso – Comunicação Social - Jornalismo, email: aiel\_said@hotmail.com

<sup>6</sup>Estudante do 7º. Semestre do Curso – Comunicação Social - Jornalismo, email: pedrocrusiol@hotmail.com.

<sup>7</sup>Orientador do trabalho. Professor do Curso – Comunicação Social - Jornalismo, email: flabespa@gmail.com.



Entretanto, apesar de tantos mecanismos, existe um lugar onde muros e alarmes não podem penetrar e nem mesmo garantir segurança. As conseqüências do medo, associado à violência, no íntimo de cada vítima, direta ou indireta, traz, muitas vezes, mais danos do que podemos imaginar.

Buscávamos entender de que forma o emocional de uma pessoa que vivenciou ou presenciou um ato violento é afetado. Para nossa surpresa, descobrimos que não só o emocional é abalado. Pelo contrário, a violência acarreta uma série de outros prejuízos. Ela modifica a vida da vítima em praticamente todos os sentidos.

A forma como um indivíduo reage a uma situação de violência é extremamente particular. No entanto, a grande maioria acaba por tomar as mesmas atitudes. Saem menos de suas casas, evitam situações de perigo ou que fazem lembrar o ocorrido e aumentam a segurança.

Conseqüentemente, essas mudanças particulares somadas, estão transformando a sociedade. A nossa proposta é entender, a partir de atitudes individuais, como está surgindo essa nova realidade. De pessoas assustadas, desconfiadas e, muitas vezes, traumatizadas.

## **2 OBJETIVO**

Projetar olhares para a sociedade que se redesenha a partir do medo é o que objetivamos desde a discussão do tema deste radiodocumentário. Paralelamente ao aumento da violência urbana e da violência sexual registra-se um aumento dos casos do Transtorno do Estresse Pós - Traumático. Uma síndrome da ansiedade, cada vez mais presente nos diagnósticos de psicólogos e psiquiatras, que pode surgir depois de se presenciar ou ser vítima de um ato ou situação de violência.

Por meio da abordagem de situações traumáticas decorrentes das diversas formas de violência, procuramos evidenciar situações dolorosas e cada vez mais comuns, que silenciosamente tem alterado a forma de viver das pessoas, essencialmente nos centros urbanos. A intenção é fazer com que as pessoas reflitam: até que ponto são influenciadas pelas conseqüências da violência no dia-a-dia; aquela violência aparentemente banal, cujas marcas podem trazer sérios danos à saúde dos indivíduos.



### **3 JUSTIFICATIVA**

A exposição aos traumas psicológicos faz parte da condição humana. Desde a infância estamos suscetíveis a acontecimentos que podem gerar traumas. Entretanto, a complexidade da natureza humana, não nos permite definir ou mesmo elencar fatores que predisõem a ocorrência de um trauma. Cada pessoa é um universo particular, que pode ou não manifestar sintomas traumáticos diante de determinadas situações. Não existe uma regra, mas muitas exceções e particularidades para a instalação de um trauma. Contudo, na sociedade de hoje, o que era para ser uma exceção, tem assumido, cada vez mais, características de regra.

A violência em suas diversas formas tem ocupado um lugar de destaque na produção de uma sociedade traumatizada. Acompanhamos diariamente através dos veículos de comunicação, o aumento dos índices de violência. Vítimas de acidentes, seqüestros, assaltos, agressão (física ou sexual) ou pessoas que presenciaram um ato de violência têm desenvolvido os mesmos sintomas. O medo, a insegurança e o pavor, que faz com que essas vítimas mudem seus comportamentos e alterem suas rotinas. A principal consequência é a perda da liberdade e da tranquilidade dos indivíduos, com sérios prejuízos à qualidade de vida e ao convívio social. A busca pela não banalização deste fenômeno silencioso, restrito muitas vezes às estatísticas e aos números da violência, justifica a existência deste projeto.

### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Realizamos uma pesquisa intensa. Além das leituras, conversamos com alguns especialistas com a finalidade de entender a violência e os traumas causados por ela. Só então, munidos dessas informações, é que foi possível delimitar o tema e definir as ramificações.

Planejamos os assuntos que seriam abordados e aprofundados em cada bloco. No entanto, o produto final difere muito do que havíamos pensado a princípio. Diferente das reportagens tradicionais, o radiodocumentário pode sofrer maior alteração conforme são realizadas as entrevistas e obtidas informações sobre o assunto.

Com os subtemas definidos, fizemos uma relação de fontes e partimos para as entrevistas sem abandonar as leituras complementares. Entrevistamos psicólogos, psicanalistas,



sociólogos, filósofos, vítimas, detentos e estudiosos de outras áreas. Por fim, não utilizamos diretamente todas as fontes. Entretanto, classificamos como indispensáveis, pois nos possibilitaram uma melhor compreensão do assunto.

Com as entrevistas em mãos (decupadas), elaboramos os scripts, contendo o texto do locutor e as sonoras selecionadas. Fizemos a seleção das músicas para a sonorização e edição do material. Como afirma Paul Chantler e Sim Harris (1998), o radiodocumentário oferece mais espaço para a criatividade, podendo-se usar efeitos sonoros e musicais junto com as entrevistas. A música e o silêncio são parte essencial no trabalho.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Abordamos o tema da seguinte forma: o trauma, a violência na infância, as vítimas da violência, as mudanças ocasionadas pela violência na vida das pessoas e na sociedade e o papel desempenhado pela mídia nesse contexto. No decorrer do radiodocumentário surgem vários desdobramentos, em algumas ocasiões eles são explorados, em outras são apenas um convite à reflexão.

Os ‘protagonistas’ são vítimas, que relataram suas experiências e mostraram como estão administrando suas vidas pós-violência. Os depoimentos dessas pessoas foi o fio condutor do nosso trabalho.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Uma discussão fragmentada da violência ocorre diariamente a cada “novo” fato que choca o imaginário social. Diante do produto espetacular criado pela mídia em torno desses acontecimentos, a violência é naturalizada e banalizada ao passo que todos os envolvidos são deslocados cada vez mais para o plano das estatísticas, onde são tratados de forma genérica e distanciados de seu caráter humano.

Propor a reflexão aprofundada desses casos e abrir espaço para essas pessoas falarem tanto dos eventos violentos que vivenciaram quanto das conseqüências em suas vidas não trouxe apenas uma visão detalhada e particular de cada situação, mas também mostrou o grande alcance coletivo da violência. Do emocional ao social, os traumas podem moldar



identidades de modo intenso, e assim, guiam comportamentos e alteram a rotina de todo um grupo.

A cultura do medo, a insegurança generalizada, o estado de vigilância constante e a arquitetura do isolamento são características de uma sociedade que sofre os efeitos da violência e busca mecanismos de proteção. Uma sociedade que se está se reconstruindo, de pessoas abaladas e carentes de soluções. Não que elas possam reverter suas experiências, mas, ao menos, trazer de volta a liberdade de ir e vir e a tranquilidade de habitar espaços abertos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CHANTLER, Paul e HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. Tradução: Laurindo Lalo Leal Filho. São Paulo: Ed. Summus, 1998.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzato, 2001.

PASTANA, Débora Regina. **Cultura do medo e democracia: um paradoxo brasileiro**. Revista Mediações Londrina, v. 10, n. 2, p.183-198, jul./dez. 2005

PRADO, Emilio. **Estrutura da notícia radiofônica**. Tradução: Marco Antonio de Carvalho. São Paulo: Summus, 1989.